

**ESTE É O PESADELO DO QUAL NÃO CONSIGO LIBERTAR-ME**

# Dinamitei uma ponte depois dos Acordos de Lusaka

N. (smL.)  
25-6-99  
p. 14-15

**– Confessa Canumbua Francisco Trinta, especialista em sabotagem, que deitou abaixo a ponte ferroviária Moatize-Mutarara quando a guerra terminara havia dois dias**

Alfredo Macaringue

QUANDO em Lusaka a Frelimo e às autoridades portuguesas rubricavam os documentos do cessar-fogo, em 1974, Canumbua Francisco Trinta, hoje com 50 anos de idade, encontrava-se no interior da província de Tete, numa zona operacional em Mutarara. Mal sabia do que estava a acontecer em termos de negociações visando o fim da guerra no país.

Continuava ele um exímio especialista nas técnicas de sabotagem, homem que não regressava à base sem cometer uma proeza na guerrilha. Era certo na sua "arte" e a população das zonas libertadas já o conhecia tão bem que chegou a apelidá-lo com o popular nome de guerra de "homem mágico que derruba comboios à distância".

É assim que ainda é conhecido entre os antigos companheiros de luta na província de Tete.

Mas, como dizíamos, Francisco Trinta regressou eufórico à base, ao que pensava por ter cumprido mais uma missão com êxito, e, junto do seu superior anunciou: "missão cumprida, camarada comandante. Rebentei com a ponte sobre o rio Mujovo.

Pode ter a certeza que dali amanhã não passará nenhum comboio".

O comandante, Bernardo da Costa Guizalhe, que sabia que havia sido já alcançado o acordo de cessar-fogo havia dois dias, agarrou a cabeça e, virando-se para Trinta, disse: "Fizeste mal, amigo. Já não havia necessidade de dinamitar nenhuma ponte, pois a guerra já terminou e essa ponte vai nos fazer muita falta daqui para frente". Por seu turno, e com algum sentimento de culpa, Trinta respondeu: "Perdoe-me, meu comandante. Foi tudo por falta de informação, pois só agora é que estou a tomar conhecimento de que a guerra terminou".

E nada mais havia a fazer. O mal estava feito. É assim que, passados agora quase 25 anos, Francisco Trinta diz que não se esquece dessa sua acção militar realizada depois do cessar-fogo, e que constitui um dos muitos pesadelos causados pela vida militar.

## QUEM É FRANCISCO TRINTA

Canumbua Francisco Trinta é natural de Macanga, em Tete, e muito cedo viveu amparado por familiares, depois



Canambua Francisco trinta: "o homem mágico que derruba comboios".. (Foto de Carlos Bernardo)

que se consumou a separação dos seus pais. Tinha ele, nessa altura, sete ou oito anos de idade. Como qualquer outro rapaz da sua idade no campo, fez um pouco

de agricultura e tomou conta do gado da família.

É durante a sua juventude, mais ou menos aos 18 anos, que é convidado a ingressar nas fileiras da Fren-

te de Libertação de Moçambique, contactado a partir da sua terra natal. Lembra-se apenas que quem lhe falou da luta armada pela primeira vez foi um comissário po-

lítico de quem hoje só se recorda do seu primeiro nome, David.

Amiúde, o comissário David aparecia em Macanga com a missão de recrutar jo-

vens para a guerra, que depois de treinados iam reforçar as fileiras do chamado 3º sector." Num desses dias, ele apareceu à noite e, juntamente com outros três jovens, abandonámos Macanga. Lembrou-me que andámos muito até atingirmos o rio Muchena, onde funcionava o 3º sector. Aqui, fomos submetidos a uma preparação militar intensiva durante dois meses. Depois eu e mais dois camaradas, o Bento Katabua e o Fernando Chissona, fomos especializados em acções de sabotagem, tendo como principal objectivo impedir a circulação de comboios que vinham a Moatize escoar o carvão", contou.

Contrariamente ao que acontecia com os restantes jovens, o grupo de sabotagem não precisou de ir para Nachingweya, porque depois das primeiras acções militares no campo da batalha, os comandantes concluíram que não havia nenhuma necessidade para tal. O grupo estava a corresponder com as exigências da guerrilha.

Francisco Trinta lembra-se do primeiro ataque em que participou, numa zona muito próxima da fronteira com o Malawi. Foi atacar uma posição do exército português cerca da zero hora. O combate foi muito duro e muita população, com medo, fugiu para o Malawi, mas a maior parte procurou refúgio do lado dos combatentes da Frelimo.

A frente do combate estavam Elias Sigaúque (já falecido) e Gilion Michilla. Segundo Trinta, foi um combate que decorreu bem, com os guerrilheiros a causarem numerosas baixas ao inimigo, apanhado quase que de surpresa. Também lhe ficou registado particularmente na história da guerra de libertação o dia em que assaltaram e ocuparam uma zona onde funcionavam as cantinas de um comerciante muito conhecido na zona norte de Tete, Manuel Fidelis, que foi aprisionado e levado juntamente com um dos seus filhos para as zonas libertadas, que já existiam nos prin-

cípios da década 70 em várias regiões ao longo da fronteira com o Malawi. Só que para o azar dos combatentes, Manuel Fidelis, um homem na altura muito corpulento e com algumas dificuldades de fazer marcha longa, segundo relata Trinta, acabaria despendando-se do grupo à calada da noite, fugindo para o Malawi. Trinta diz que ele ainda vive e até hoje desenvolve a sua actividade comercial, não sabendo da sorte que teria tido o filho, que chegou a ser movimentado para uma outra base da Frelimo, onde seria treinado para integrar as fileiras da FRELIMO, dada a sua juventude.

Francisco Trinta e mais alguns camaradas viriam a receber novas tarefas depois deste combate, passando então a ocupar-se exclusivamente das acções de sabotagem. Recordar-se que ele e o seu grupo chegaram a dinamitar cinco pontes espalhados por diversos pontos da província de Tete. Em determinados casos, algumas pontes eram depois reconstruídas pelos colonialistas, mas não duravam muito, pois passado pouco tempo voltavam a ser dinamitadas pelo mesmo grupo.

Trinta, que até ao fim da guerra outra coisa não fez senão acções de sabotagem de pontes e outras infra-estruturas, actuava com o recurso a uma pilha de explosivos que accionados através de um dinamó à distância produziam um grande estrondo, destruindo o alvo.

Quisemos saber como é que chegou a granjeiar tanta simpatia da população das zonas libertadas, até lhe dar um nome especial. Respondeu assim: "Era simplesmente um segredo que usava. Às vezes convidava a população para assistir à queda de uma ponte. Depois de colocar os explosivos, ia ficar a uma distância e accionava o dinamó sem que ninguém desse por isso e logo a seguir era a explosão. As pessoas ficavam intrigadas e não entendiam como é que aquilo

seria possível. E eu, aproveitando-me desse desconhecimento, dizia que era tudo produto da minha magia", contou ele, fazendo notar que no meio daquela gente pouco informada sobre questões desta natureza este golpe pegava com toda a facilidade.

#### POR POUCO NÃO PEGUEI UM SOLDADO PORTU- GUÊS À MÃO

Como homem de sabotagem e muito estimado pela população das regiões onde operava, especialmente nas pontes Cachoeira e Nhangoma e também em Phende, junto à fronteira com o Malawi, Francisco Trinta permaneceu até o dia em que dinamitou a ponte Moatize-Mutarara, dois dias depois de a guerra terminar. Mas pela sua acção combativa, tal como ele recorda, não raras vezes recebia solicitação de

outras frentes de combate para ir dinamitar uma estrada ou colocar uma mina anti-tanque, quando se soubesse da eventualidade de os portugueses efectuarem algumas saídas do quartel em manobras em determinadas zonas do interior. Foi numa dessas ocasiões que se deu uma cena pouco comum na história da guerrilha, em que Francisco Trinta e mais alguns companheiros que não passavam de 10 deparou inesperadamente em plena mata com dois soldados portugueses, a uma distância de menos de 20 metros. Tanto eles como os portugueses ficaram sem saber o que fazer naquele preciso instante. Quase que ficaram eletrizados. Porém, no instante a seguir Francisco Trinta gritou: "mãos ao ar". E um dos soldados teria acatado, suplicando que não o matassem. Só que o que vinha atrás

desatou a disparar indiscriminadamente, contrariando o seu companheiro, gerando-se daí um autêntico ambiente de salve-se quem puder. Uns e outros fugiram em direcção à procedência. E sobre esta ocorrência Trinta comentou:

"Foi uma coisa rara. Foi tão inesperado o encontro que ninguém soube o que fazer. Quando regressámos à base e contamos esta história, todos fartaram-se de rir. De facto, como nós éramos em maior número, poderíamos ter pegado à mão pelo menos um dos soldados, o que não aconteceu".

Ele pensa que os soldados portugueses se teriam afastado muito do quartel sem dar conta disso, com o objectivo de ir à caça.

Este é igualmente daqueles episódios que confessa que em toda a história da luta

de libertação nacional nunca lhe fugiu da cabeça, porque "tanto eles como nós podíamos ter atirado a matar". Terminada a guerra de libertação, ele foi colocado em Mutarara como comandante militar da então Vila Nova de Fronteira. De lá viria a ser solicitado para integrar as Forças Armadas de Moçambique que seriam chamadas a defender o país quando eclodiu a guerra de agressão usando a Renamo. Combateu em Gorongosa contra a Renamo, isto nos princípios da década de 80, sendo novamente chamado a reassumir o cargo de comandante militar de Mutarara. "Voltei porque a ideia era de dificultar a tentativa de a Renamo estender a guerra a outras províncias a partir de Gorongosa, servindo-se de Mutarara como corredor principal", disse.